

ALUNOS MARGINAIS: A LITERATURA MARGINAL INSERIDA NA SALA DE AULA

FERNANDES, Luiz Antônio Nogueira.¹

KIEVEL, Juliano Vaz.²

LEITE, Vera Vilma Fernandes³

RESUMO

Para falar de Literatura Marginal precisa-se ter em mente que esta é uma Escola Literária muito recente, no qual, ainda são poucos que se destacam no meio dela. Abordar-se-á neste trabalho a contextualização histórica dessa Literatura, também seus autores considerados precursores e influentes dentro desta corrente e, como objetivo principal, a sua inserção dentro da sala de aula, ou seja, o porquê de ser trabalhada com discentes, o modo como pode ser trabalhada e sua funcionalidade como agregadora de conhecimento contextual de escolas situadas nas periferias das grandes cidades por exemplo. Será feita uma pesquisa metodológica bibliográfica com consultas a materiais conceituados sobre o tema Literatura Marginal. Pelas análises feitas a partir da leitura de diversos materiais disponíveis para consolidar-se a fundamentação teórica do trabalho, entende-se que a Literatura Marginal é de relevante importância para o ensino-aprendizagem dos alunos dentro de salas de aula, onde, esses alunos têm por contexto social uma marginalização diante da sociedade a qual estão inseridos. Considera-se a Literatura Marginal como um meio de inserção social dentro das salas de aula, ou seja, com uma proposta marginalizada, este tema consegue abordar alunos de diferentes classes sociais que convivem numa mesma sala de aula, para que, com isso não ocorra segregações no local onde serve para a socialização dos discentes.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Marginalidade, Periferia, Contemporaneidade.

STUDENTS MARGINAL: LITERATURE MARGINAL ENTERED IN THE CLASSROOM

RESUMO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

To talk about Marginal Literature needs to be borne in mind that this is a very recent Literary School, in which, there are few that stand out among them. It will address in this paper the historical context of this literature also authors considered precursors and influential within this stream and the main objective, its inclusion within the classroom, that is why he is working with students, the how it can be worked and its functionality as contextual knowledge aggregator of schools situated on the outskirts of large cities for example. A bibliographic research with methodological consultation with respected materials on the subject Marginal Literature will be made. The analysis made from reading various materials available to consolidate the theoretical basis of the work, it is understood that the Marginal Literature is of great importance to the teaching and learning of students in classrooms where these students have by social context marginalization on the society to which they belong. It is considered the Marginal Literature as a means of social inclusion within the classroom, that is, with a marginalized proposal, this issue can address students from different social classes who live in the same classroom, so that with it not occur segregations on the spot where it serves for the socialization of students.

PALAVRAS-CHAVE EM LÍNGUA ESTRANGEIRA: Literature, Marginalities, Periphery, Contemporaneity.

LITERATURA MARGINAL E SUA SITUAÇÃO ATÉ A CONTEMPORANEIDADE.

Quando fala-se em Literatura Marginal poucos são os que a reconhecem por este nome. Há também os que nunca ouviram falar e nem em suas expressões de arte que nela são criadas. Convém realçar a relevância que essa Literatura traz para representar o aspecto do local onde ela foi escrita, ou seja, traz à tona as características da comunidade que tem por expressão artística a Literatura, tanto nas letras de rap, hip hop, funk (no âmbito musical), quanto nos textos em prosa ou nas poesias que são escritas e mesmo nos desenhos de grafite que circulam nesse meio social, com o objetivo de criticar o sistema e alertar as dificuldades que, nesta sociedade não compreendida, todos enfrentam. A Literatura à margem aparece desde a Antiguidade até a contemporaneidade. Em cada tempo possuiu diferentes e alternadas características, mas com uma, como pilar central que a classifica como tal: a fonte de onde foi escrita sempre ter sido por um autor que, diante do contexto social de sua época, é considerado à margem, discriminado, excluído, posto à minoria em função de sua etnia, do seu poder aquisitivo, da sua religião, da sua orientação sexual e outros preconceitos pré-estabelecidos. Obras literárias que são referências na literatura foram de alguma forma, marginais.

Outro escritor importante, que inicialmente teve sua literatura desprezada, considerada pobre, jornalística e não literária - preconceito fortalecido por sua cor e condição social - é Lima Barreto, escritor bastante reverenciado por João Antônio. Lima Barreto era negro e pobre, e retratou em suas obras os subúrbios cariocas e a hipocrisia da classe burguesa. (BENEVENUTO, 2006, p 03).

¹Acadêmico do curso de Letras – Português/Inglês e suas respectivas Literaturas – Faculdade Assis Gurgacz FAG.
E-mail: luizantonio_nf@hotmail.com

²Acadêmico do curso de Letras – Português/Inglês e suas respectivas Literaturas – Faculdade Assis Gurgacz FAG.
E-mail: julianofag@hotmail.com

³Orientadora do trabalho. Mestre em Literatura – Docente do Curso de Letras – Português/Inglês e suas respectivas Literaturas – Faculdade Assis Gurgacz FAG.
E-mail: vefe@hotmai.com

O termo “Literatura Marginal” surgiu na década de 70, época em que o Brasil vivia sobre o regime dos militares. Essa literatura surgiu como forma de subversão, com intelectuais escrevendo poemas em folhas mimeografadas e distribuindo por lugares de convívio comuns. A grande maioria desses escritores pertencia à classe média alta e estudantes universitários, concentrados basicamente na cidade do Rio de Janeiro. (NASCIMENTO, 2006). Neste contexto, a sociedade foi posta à margem, dentro de uma opressão do governo na época. Outro fator era que até duas décadas atrás, obras literárias ainda eram escritas com o foco ao público burguês dos grandes polos, não favorecendo, então, a proliferação e o destaque de escritores de origem humilde das periferias.

A associação do termo marginal à literatura produziu diferentes empregos e significados, dando origem a uma rubrica ampla e de entendimento quase sempre problemático. Isso porque a expressão literatura marginal serviu para classificar as obras literárias produzidas e veiculadas à margem do corredor editorial; que não pertencem ou que se opõem aos cânones estabelecidos; que são de autoria de escritores originários de grupos sociais marginalizados; ou ainda, que tematizam o que é peculiar aos sujeitos e espaços tidos como “marginais” (NASCIMENTO, 2006, p.09).

Érica Peçanha Do Nascimento 2006, define em seu trabalho acadêmico o termo Literatura Marginal como difícil de dar apenas um significado, ocasionando assim várias problemáticas que o torna extremamente subjetivo para qualquer indivíduo que o ouça. Ela também define a expressão como um termo que classifica e engloba com semelhantes características determinadas, obras literárias que são produzidas em meio às periferias nacionais, e que trazem como tema, em sua maioria, o cotidiano dos grupos sociais que são marginalizados, postos à margem da sociedade burguesa e que dentro dessas obras, existem críticas contra o sistema opressor em que vivem. Muitos desses temas são retratados também por escritores que não vivem o dia a dia da população das classes oprimidas, mas que mesmo assim, com estudos e pesquisas sobre esses cotidianos, criam obras referentes aos marginais com a diferença de que os escritores de dentro das periferias ganham menos prestígios de qualificação diante da mídia com suas obras autenticamente marginais, do que em relação aos escritores que vivem em seus apartamentos nas zonas urbanas das grandes cidades ou mesmo em grandes sítios afastados nos interiores das zonas rurais, aproveitando seus lucros exacerbados.

As mais comuns características dos poetas que escreveram Literatura Marginal na década de setenta, são que, originavam-se de classes privilegiadas da sociedade e se destacavam com suas atividades referenciais ao cinema, teatro e música, indagavam temas como sexo, drogas, dia a dia da sociedade burguesa com críticas a esses costumes na maioria das vezes. Tinham por linguagem em seus poemas, a forma coloquial com utilização de gírias decorrentes dos seus círculos sociais, palavras, utilizavam-se de imagens para expressar também suas ironias, imagens como tirinhas, charges, histórias em quadrinhos e principalmente fotos do cotidiano da classe média, como retrata Érica em seu estudo.

A literatura produzida por esses poetas buscava subverter os padrões de qualidade, ordem e bom gosto vigentes, desvinculando-se das produções tidas como “engajadas”, “intelectualizadas” ou “populistas”. Os textos eram marcados pelo tom irônico, pelo uso da linguagem coloquial e do palavrão; e versavam sobre sexo, tóxicos e, principalmente, cotidiano das classes privilegiadas. (NASCIMENTO, 2006, p. 14)

E como também define Pereira sobre os *marginais* setentistas:

Essa produção não tinha, pelo menos imediata e diretamente, eco a nível popular (...) na medida em que reflete com bastante clareza um conjunto de experiências sociais que caracterizam mais marcadamente os grupos mais privilegiados dentro da estrutura social (PEREIRA *apud* NASCIMENTO, 2006, p.14).

Outro nome intitulado para essa literatura é de *Periférica*. Esse termo faz referência estritamente à própria periferia das grandes cidades. Para diferenciar, de forma concisa, os dois termos que por infortúnio possam causar confusões no decorrer deste artigo. “Marginal” pode representar alguns conceitos:

O primeiro significado se refere às obras que estariam à margem do corredor comercial oficial de produção e divulgação – considerando-se que os livros se igualam a qualquer bem produzido e consumido nos moldes capitalistas –, e circulariam em meios que se opõem ou se apresentam como alternativa ao sistema editorial vigente. O segundo significado está associado aos textos com um tipo de escrita que recusaria a linguagem institucionalizada ou os valores literários de uma época, como nos casos das obras de vanguarda. Enquanto o terceiro significado encontra-se ligado ao projeto intelectual do escritor de reler o contexto de grupos oprimidos, buscando retratá-los nos textos. Sob outro ponto de vista, literatura marginal designaria os livros que não pertencem aos clássicos da literatura nacional ou universal e não estão nas listas de leituras obrigatórias de vestibulares (Caravita, s.d.). Ou ainda, como nos estudos mais recentes, o emprego da expressão denotaria as obras produzidas por autores pertencentes a minorias sociológicas, como mulheres, homossexuais e negros. (NASCIMENTO, 2006, p. 11-12).

Literatura Marginal pode ser então considerada uma corrente literária que advém da década de setenta do século passado para ir contra as formas burguesas de literatura que havia na época, que instituía uma capitalização de livros e

obras apenas para a circulação de capital, o resultado dessa corrente é uma inundação de poesias e obras com grande valor poético, porém, ainda não estimulado por grandes editoras, mas, que surgiam às margens da sociedade conquistando um público de pequeno poder aquisitivo, no qual, esses autores marginais distribuíam seus livretos por bares, portas de museus, e cinemas (HOLLANDA *apud* NASCIMENTO, 2006.). E o outro conceito como diz Perلمان, que pode causar confusão é a ideia de que marginal refere-se ao bandido que possa viver dentro de uma comunidade de classe social C, D ou E. Este último sentido de “marginal” não representar-se-á enquanto movimento literário, ou seja, “marginal” só terá o sentido, aqui, de corrente literária.

Marginal adjetiva aqueles que estão em condição de marginalidade em relação à lei ou à sociedade, possuindo, portanto, sentido ambivalente: assim como se refere, juridicamente, ao indivíduo delinqüente, indolente ou perigoso, ligado ao mundo do crime e da violência; aplica-se, sociologicamente, aos sujeitos vitimados por processos de marginalização social, como pobres, desempregados, migrantes ou membros de minorias étnicas e raciais, tendo como sinônimo, neste último caso, o adjetivo marginalizado (PERLMAN *apud*, NASCIMENTO, 2006, p. 11).

E o termo Periférico pode entender-se como:

Urbanisticamente a periferia abarca as regiões afastadas dos centros urbanos, em geral habitadas pela população de baixa renda. Trata-se, portanto, da periferia como um espaço também social, um lugar ocupado pelas “minorias”, onde vivem os marginais e os marginalizados da sociedade. A periferia também se reveste de uma conotação política, definida em oposição ao centro, tomado como modelo de desenvolvimento, seja econômico, social ou cultural. (OLIVEIRA, 2011, p.32).

Nos anos 90 o movimento dos “escritores marginais” aparece novamente, mas dessa vez por autores de classe média baixa e com sua maioria sem possuir o ensino fundamental completo. Essa nova geração é relacionada aos problemas sociais da classe desprivilegiada da sociedade e retrata os problemas relacionados à periferia.

Ferréz já havia se utilizado da expressão literatura marginal, à época do lançamento do seu segundo livro, *Capão Pecado*, em 2000, para referir-se ao tipo de literatura que produzia e a de uma série de escritores com semelhante perfil sociológico, que estavam publicando entre o final dos anos 1990 e o começo do novo século, uma classificação representativa do contexto social nos quais estariam inseridos: à margem da produção e do consumo de bens econômicos e culturais, do centro geográfico das cidades e da participação político-social. (NASCIMENTO, 2006, p. 15).

As principais características desse gênero literário são: Abuso da linguagem coloquial, gírias presentes no hip hop e das periferias e uso de palavrão.

Em 2001, Ferréz traz à tona para sociedade algo que revolucionaria essa *nova geração* de escritores das periferias nacionais, organizada, editada e publicada por ele mesmo, uma revista com o objetivo de aglomerar textos produzidos por autores que estão dentro da marginalidade. *Literatura Marginal: a cultura da periferia*, é o título da edição que nos anos de 2002 e 2004 ganharam suas sequências “formada por rappers, escritores amadores e grafiteiros ligados ao movimento hip hop, todos moradores do Capão Redondo” (NASCIMENTO, 2006). Na primeira edição, a revista *Caros Amigos* vinculou a divulgação dos textos. Essa edição contou com dez autores e dezesseis textos publicados. Contando com as sequencias publicadas pela revista, teve uma aparição de outros trinta e oito autores que publicaram seus textos nesses periódicos. Alguns escritores tiveram destas publicações seu destaque no mundo da literatura, já que antes nunca tinham nem mesmo pensado em contar a alguém que escreviam textos sobre seus cotidianos.

Em 2001, o escritor Ferréz idealizou, organizou e editou os textos de um projeto de literatura em revista intitulado “Literatura Marginal: a cultura da periferia”, que contou com a participação de dez autores em dezesseis textos. Nos anos de 2002 e 2004, outras duas edições de literatura marginal foram organizadas pelo escritor e veiculadas pela revista *Caros Amigos*, aglutinando textos de outros trinta e oito autores. Ferréz já havia se utilizado da expressão literatura marginal, à época do lançamento do seu segundo livro, *Capão Pecado*, em 2000, para referir-se ao tipo de literatura que produzia e a de uma série de escritores com semelhante perfil sociológico, que estavam publicando entre o final dos anos 1990 e o começo do novo século, uma classificação representativa do contexto social nos quais estariam inseridos: à margem da produção e do consumo de bens econômicos e culturais, do centro geográfico das cidades e da participação político-social. (NASCIMENTO, 2006, p. 15)

Em todo esse meio, o livro “Cidade de Deus” 1997, de Paulo Lins, foi sem dúvida o maior sucesso de uma Literatura Marginal, porém, esse sucesso só se teve pelo fato de ter sido adaptado aos cinemas, assim poucos conhecem ou já leram o livro de Lins, mas uma grande parte da população nacional já assistiu ou ouviu falar do filme que rendeu milhões às bilheterias brasileiras. Influenciado por esse sucesso literário de Lins, Ferréz publicara seu livro “Capão Pecado” também em 1997, no qual, também recebe grande sucesso na sociedade em que vive, e com essas influências ele toma liberdade de organizar essa massa de textos marginais que, principalmente, mostrava uma nova cara real das periferias e desmitificava a ideia de senso comum do qual nas periferias só existia violência e não uma cultura com o

qual os patriotas deveriam se orgulhar, pelo contrário, os patriotas apenas desvalorizavam essa cultura tão incrível e rica. Mas com essas publicações as “favelas” agora têm grandes representantes de seus costumes, representantes muito conhecidos como o grupo de rap “Racionais Mcs” e “Gabriel O Pensador” e, poucos conhecidos ainda como Allan da Rosa e Sacolinha entre outros também.

A pista deixada pelas três edições especiais da revista *Caros Amigos/ Literatura Marginal* é que alguns escritores, moradores das periferias brasileiras (ou ex-moradores, como é o caso dos autores presidiários), estavam atribuindo o adjetivo marginal para classificar a sua própria condição profissional ou os seus produtos literários. O que sugeria a existência de um novo movimento de literatura marginal e indicava um tipo de atuação diferenciada, por parte de tais escritores, no cenário cultural contemporâneo. (NASCIMENTO, 2006, p. 17).

Com muitas referências bibliográficas, partiremos então de um ensaio teórico/pesquisa bibliográfica para a elaboração e conclusão, como também, toda a fundamentação teórica do decorrer do artigo.

Será investigada a questão do ensino de Literatura Marginal nas escolas, também como os professores apresentam estas obras aos alunos, ou, se pelo menos as apresentam a eles. Essas obras marginais têm relevância para que possa incluir toda a sala na contextualização da situação marginal que muitos seres humanos vivem, ressaltando que a desigualdade social existe escancaradamente principalmente nas grandes cidades do Brasil.

Com o objetivo de mostrar estas obras e a importância delas em todas as mídias e de tentar desmitificar a ideia de que Literatura Marginal só existe e deve ficar nas periferias, serão trabalhadas neste artigo as exposições de alguns poemas de autores marginais. Também existe o objetivo de mostrar como essas obras se inserem no ensino dentro das escolas e o que poderá ajudar na socialização e compreensão de mundo dos discentes quando lhes forem apresentadas as obras.

AUTORES MAIS CONCEITUADOS ATUALMENTE NO MUNDO DA LITERATURA MARGINAL:

Atualmente, a Literatura Marginal vem crescendo muito no Brasil. Editoras que antes só serviam à publicação prioritária de livros para um público acrítico que consumiam obras criadas apenas para capitalização literária, agora buscam também publicar livros de escritores que já ganharam grande conceito no mundo dos autores contemporâneos com esse crescimento da literatura periférica. Podemos citar nomes como: Allan da Rosa, 38 anos, educador e capoeirista, é um dos coordenadores da Edições Toró, uma editora que surgiu da necessidade de lançar os textos de tantos e tantos escritores que participam do Sarau da Cooperifa, na zona sul de São Paulo. Sérgio Vaz, 51 anos, cuja primeira obra data de 1992, tem quatro livros publicados em edições do autor e é um dos criadores da Cooperifa (Cooperativa Cultural da Periferia), que promove saraus semanais. Ferréz tem 40 anos, lançou seu primeiro livro em 1997, é autor de outras três obras, foram o organizador de todas as edições especiais *Caros Amigos/ Literatura Marginal*, publicou *Capão Pecado*, faz parte do rol de autores de uma editora de prestígio e é fundador do autodenominado “movimento cultural IdaSul”, que reúne artistas e moradores do distrito paulistano do Capão Redondo e está voltado para a atuação cultural nesta região. E Sacolinha, 33 anos, graduado em Letras, jovem escritor que estreou na literatura com a publicação de um conto na terceira edição da *Caros Amigos/ Literatura Marginal*, é idealizador do projeto cultural “Literatura no Brasil”, cujos objetivos iniciais foram a divulgação dos textos de escritores da periferia e o incentivo à leitura como descreve Érica Peçanha Do Nascimento 2006, sobre esses três últimos escritores em seu trabalho acadêmico sobre Literatura Marginal, no qual, também aborda conteúdos sobre alguns autores dessa Literatura.

Cada autor traz em suas obras, diferentes formas de caracterizar suas intenções para a criação destas histórias, por este ponto de vista, será apresentado neste mesmo artigo algumas características para que a Literatura Marginal, nos dias de hoje, transforme-se numa espécie de *identidade* para as periferias nacionais. Torna-se notável a abrangência da qual essa corrente literária consegue alcançar, por este motivo, aqui será apenas representada a vida de alguns escritores e como suas obras conseguem demonstrar o rico valor cultural que cada periferia contém e sua importância para os professores trabalharem com eles em sala de aula. Mas apesar disto, tudo que será analisado aqui terá como foco central as características de uma sociedade não compreendida por muitos que não se consideram parte de minorias e sim parte de todo um sistema socializado com escritores já renomados e com escritores ainda em ascensão neste mundo realista de autores viventes de sistemas oprimidos e discriminados e não mais imaginário e fictício de autores vindos de um sistema opressor. Queremos também como objetivo, desmitificar as errôneas ideias de que em comunidades das periferias só existam forças de trabalho proletárias, sem quaisquer conhecimentos altamente qualificados de ideologias igualitárias, ou seja, mostrar que uma boa produção literária existe em qualquer parte da sociedade seja ela vinda de homens ou mulheres, jovens ou idosos, hétéros ou homossexuais, negros ou brancos, e principalmente de ricos ou pobres e mostrar que uma boa literatura não depende de classes sociais.

Começar a falar sobre Ferréz e o seu trabalho que caracteriza o local onde nasceu e ainda vive, sem mencionar o fato de que ele é o mais reconhecido autor periférico e serviu de catapulta para outros escritores de Literatura Marginal,

é o mesmo que falar do Comunismo sem mencionar Marx, ou falar do Evolucionismo sem citar Darwin e assim com semelhantes. Ferréz:

É um morador que não se permite ficar na invisibilidade, defende seu bairro e seus moradores, construiu sua identidade e a declama por meio de seus escritos, de sua postura e atitudes: o escritor/ativista e favelado Ferréz. (SANTOS, s.d, p. 03).

Ferréz já realizou vários trabalhos sociais. Reginaldo Faria da Silva, o Ferréz, escolhido simbolicamente pelo próprio Reginaldo, ele separa o vocábulo “Ferréz” de duas formas em duas partes, a primeira FERRE que se refere ao Virgulo Ferreira da Silva, o famoso e mais conhecido cangaceiro do nordeste, Lampião. E a letra Z no final do vocábulo “Ferréz” refere-se ao nosso herói Zumbi do Palmares, no qual, a união dessas duas partes se transforma em Ferréz, nome artístico que usa, pois seu nome de batismo ele mesmo abandonou sendo o motivo de não acreditar mais na igreja católica como detentora da sua fé e o fato dele crer no poder de Deus e Deus acreditar no potencial dele (SANTOS, s.d).

Ferréz nasceu em 29 de dezembro de 1975, no bairro Cantinho do Céu, próximo ao Jardim Capelinha, zona sudoeste de São Paulo. Em seguida, mudou-se para o Valo Velho, local onde passou a maior parte da infância, morando de aluguel com os pais. Na adolescência, mudou-se definitivamente para o bairro de Capão Redondo (SANTOS, s.d).

Segundo Santos s.d, hoje com 40 anos, Ferréz quando ainda era estudante, teve complicações na sua primeira e terceira série (hoje, segundo e quarto ano do ensino fundamental), já que nestes respectivos anos teve que repeti-los. Considerava a escola uma forma de rever os amigos e conversar com eles, por isso ainda não levava os estudos muito a sério, algo normal para crianças destas idades, já que a escola também deve servir de local de lazeres. Contudo sempre teve boas notas e nunca deixava de lado os deveres dentro das escolas já que para ele bastava poucos minutos para entender o conteúdo trabalho pelos seus professores. Ferréz também acreditava que o incentivo na forma de obrigação que a escola dá aos alunos para lerem livros acaba por prejudicar o gosto da juventude pela leitura, isso tudo apenas por experiência própria dele.

No início da adolescência, ajudava no orçamento familiar, entregando pães nas escolas da região. Ferréz trabalhou ainda como balconista, auxiliar geral e arquivista. Entre 1995 e 1997, foi arquivista na empresa *Ética Manpower*, a mesma que patrocinaria seu primeiro livro de poesia: *Fortaleza da Desilusão*. Mas antes de virar, oficialmente, escritor, Ferréz vendeu vassouras, pintou paredes, fez reformas, foi auxiliar-geral em uma metalúrgica e balconista de padaria. Em 1999, encarou um desafio para expor suas ideias e seu desejo por um lugar melhor. Foi ao Brás, junto com o parceiro José Carlos, compraram cinco camisetas, com o dinheiro que usariam para procurar emprego, e com mais uns trocados estamparam nessas camisetas a frase: “roupa de rua”. (SANTOS, s.d, p. 04-05)

Ferréz de uma origem muito humilde sempre ajudou em casa na renda familiar, trabalho com vários ofícios antes de se tornar um ícone da literatura marginal hoje em dia. Seu emprego de arquivista na empresa *Ética Manpower* foi o que conciliou a escrever de forma mais “profissional” digamos assim, pois no tempo ócio que possuía durante o expediente de trabalho, ele se dedicava a escrever seus poemas que logo viriam a se tornar seu primeiro livro “Fortaleza da Desilusão” com o qual teve muitas dificuldades no início para vendê-lo, mas que logo após essas dificuldades foram superadas pelo apoio que teve de seu antigo emprego. Isso em 1997, ano o qual saiu da empresa e começou a dedicar-se oficialmente a escrever livros e mostrar uma sociedade mais respeitada e realmente descaracterizada pelos estereótipos que surgem das classes superiores sobre as de menor poder aquisitivo (SANTOS, s.d).

A primeira loja foi montada na garagem da casa dos pais de Ferréz. José Carlos desistiu do empreendimento, pois os rendimentos, na maioria das vezes, não cobriam os custos. Ferréz, contudo, continuou, com a ajuda de outro “camarada”, o Fábio (Cebola). Como os rendimentos continuavam insuficientes, “pois agente não ganhava nem o do pão” (FERRÉZ, *apud* SANTOS, s.d, p 05.). Alguns meses depois Ferréz reabriu a empresa de camisetas agora com o nome de 1DASUL que segundo o próprio Ferréz, 2005, “vem da ideia de todos sermos um, na mesma luta, no mesmo ideal, por isso somos todos 1 pela dignidade da Zona Sul” frase que demonstra a preocupação com que Ferréz trata sua comunidade e todas as periferias nacionais.

No ano de 2000, foi lançado o livro que o colocaria em destaque no mundo da literatura, tornando-se referência e objeto de estudos e reportagens dentro e fora do país: *Capão Pecado*. Ferréz tornou-se assunto da indústria editorial, abrindo caminho para outros tantos escritores da periferia, expondo, por meio do romance, uma realidade pouco encantadora da vida “do outro lado da ponte”.

O livro levou quatro anos para ser finalizado. Segundo o autor, durante um temporal, seu quarto ficara todo alagado e parte do trabalho se perdeu na enchente do bairro. Outro fato que também atrasou a finalização do livro foram os próprios personagens reais, nos quais os fictícios eram baseados, já que muitos morreram durante a construção da narrativa, obrigando o autor a refazer trechos e sequências completas.

Com o sucesso do livro e a polêmica que se seguiu à sua publicação, surgiram oportunidades diversas. O leitor queria “ouví-lo”, ler o que este periférico tinha a dizer. Ferréz começou, então, a escrever regularmente para a revista *Caros Amigos*, na qual trabalhou até o ano de 2010.

Com a publicação de suas crônicas por uma revista de A “ponte”, neste caso, é a ponte João Dias, que divide a região do Capão Redondo (Parque Santo Antônio, Monte Azul, Vila Prel etc.) de regiões mais “nobres” da cidade de São Paulo. Prestígio recebeu convites para publicar no site *El Foco*, *No.com* e *Le Monde Diplomatique Brasil*. (SANTOS, s.d, p. 05-06).

Novamente passando por dificuldades Ferréz mostra que deve orgulhar-se de seu trabalho caracterizando o local onde vive, e por determinação e ajuda dos seus amigos próximos conseguiu mais uma vez publicar seu livro “Capão Pecado”, livro que por alguns pode igualar-se a “Cidade de Deus” de Paulo Lins. Capão Pecado traz à tona uma realidade vivida por Ferréz, embora a obra seja catalogada como fictícia, que no livro discorre o cotidiano do bairro Capão Redondo.

O livro Capão Pecado trata-se de um ótimo retrato da sociedade brasileira e possibilita um excelente exercício sociológico, pois falando da periferia também diz muito sobre a nossa sociedade urbana como um todo. Demonstra de forma peculiar as conseqüências de alguns fatos histórico-sociais de dimensões nacionais e até globais no “homem-comum”. O Capão Redondo se torna objeto da Literatura Periférica e expressão da periferia. Escrita provinda da margem, da exclusão, do lado mais vulnerável no conflito da “luta de classes”. Lugar em que as conseqüências dos atos ou dos fatos são diretamente sentidas. Onde a disputa pelo mercado consumidor gera baixos salários e péssimas condições de trabalho, lugar onde estão os primeiros a sofrerem com o desemprego como reflexo de um momento não muito favorável para a economia e as sérias conseqüências que a falta de emprego causa nas questões psíquicas e familiares, lugar onde o rastro que a droga deixa antes de chegar a alguém em algum quarto de hotel de luxo é bem mais marcante. Esses são alguns dos tópicos que o livro Capão Pecado nos leva a refletir e que nos sensibiliza a pensar. (SILVA e HANASHIRO, s.d, s.p.).

Uma definição de sociedade e cotidiano que Ferréz utiliza para caracterizar sua comunidade e todas as periferias nacionais. Excluem-se os estereótipos de que em periferias só existem tudo que ruim possa acontecer, e acrescenta além de uma rotina normal, as qualidades que todas as periferias oferecem, acrescenta também cotidiano de famílias trabalhadoras que por tão pouco que tem já são gratas por não passarem fome e terem o que comer no dia de amanhã. Ferréz nesse texto deixa claro que uma periferia tem que orgulhar-se de possuir talentos internos, de possuir crianças prodígios, e adultos honestos que fazem o que fazem por que os sistemas os forçam a isso.

Um elemento que não pode deixar de ser notado é o seu caráter folhetinesco. Resumindo a trama da narrativa, trata-se de um amor surgido entre o protagonista Rael e Paula, namorada do seu melhor amigo, constituindo, assim, o conflito inicial através do qual se desencadeará toda a narrativa. Em suma, trata-se de uma trama que transita em torno de um amor difícil de ser realizado, cercado de “suspense” (violência, ameaça, crime, etc.), como mostra a vasta tradição folhetinesca. (...) seu desfecho trágico: Rael é traído pelo seu “grande amor”, assassina o amante (o próprio patrão da fábrica em que trabalhava), mas, ao contrário do magistrado no conto de *A Cartomante*, seu status social não permite que ele saia incólume das conseqüências desse ato, vai preso e é assassinado na prisão. (VERAZZANI, s.d, p. 05).

Outro detalhe que salva mencionar aqui é a questão de adaptação de sua obra para um público alvo no qual as características chegam a se assemelhar com obras do Realismo brasileiro do final do século XIX. O início e o final da trama todo e toda a abordagem linguística do texto com o uso calculado de oralidade com formalidade serve de prato cheio para alcançar e demonstrar fielmente as características da periferia.

Capão Pecado apresenta como protagonista Rael, jovem residente no Capão Redondo, palco privilegiado da narrativa. Ao longo do romance, através de Rael, travamos contato com os diferentes tipos sociais da periferia: o jovem empenhado na melhoria da vida pelo trabalho, o assaltante temido pela violência de seus atos, o nordestino desempregado e alcoólatra, a doméstica negra explorada pela patroa branca, o pastor evangélico, o jovem desempregado e alienado etc. Tais sujeitos são expostos no texto segundo um rígido maniqueísmo, no qual não sobram críticas pontuais acerca das posturas concebidas como errôneas – como o consumo de drogas, a prática de assaltos, o alcoolismo e a alienação política – e, na mesma lógica, os personagens que trilharam caminhos que são facilmente lidos como exemplares são emoldurados a partir de um tom exultante de suas ações – a assiduidade ao trabalho, o envolvimento em ações de cunho social e comunitário e a presença na rotina escolar. Além da visível presença de uma grafia própria das palavras e da tentativa de transpor para a escrita um discurso formado pela oralidade, repleto de gíria – atos que podem ser interpretados como um desejo de construir um romance que reivindica uma autenticidade testemunhal através de um recurso semelhante ao naturalista –, o trecho acima evidencia o caráter pedagógico da escrita de Ferréz. O próprio enredo da história é construído a partir da oposição descrita no trecho recolhido.

Rael, o protagonista do romance, é descrito como um jovem regrado, trabalhador e empenhado em sua melhoria de vida. Este deposita no trabalho e na educação formal a possibilidade de ascensão social. A leitura salvacionista da educação, conceituada amplamente criticada pelas correntes mais progressistas no âmbito acadêmico, surge na prosa de Ferréz como a única saída possível para a consolidação de um sonho de progresso de vida pessoal e coletiva.

Condensada em pouco mais de 170 páginas temos a tentativa de retratar uma realidade marcada pela vulnerabilidade social, violência e miséria, resultando em uma imagem que se revela mais fiel à percepção do autor sobre seu próprio território do que um dado realista sobre este. Pois, é através da mão de Ferréz, que filtra, hierarquiza e julga que travamos contato com o Capão Redondo e bairros adjacentes. (PATROCÍNIO, 2011, p. 59-60).

Ferréz caracterizou as favelas e periferias como de fato elas são com moradores fiéis à realidade sem estereotipar ninguém nem inventar problemas sociais para apenas vender algo que a sociedade compre sem se importar com o conteúdo de seu livro. Ele quis mostrar dentro de seu livro, tudo que pode existir num subúrbio nacional e que pode ser exemplificado por esse trecho do livro:

Tá certo, ce vê o Alaor tá na correria, o Panetone e o Amaral também tão dando mó trampo, mas o resto, mano, na moral, tão vacilando. Eles tinham que ouvir as ideias do Taide, tá ligado? “Sou pobre, mas não sou fracassado”. Falta algo pra esses manos, sei lá, preparo; eles têm que se ligá, pois se você for notar, tudo tá evoluindo e os chegado tão lá no mesmo, e não tô dizendo isso porque sou melhor não. Ce tá ligado que comigo isso não existe, mas na moral, cara, esses aí vão ser engolidos pelo sistema; enquanto eles dormem até meio-dia e fica rebolando nos salão até de manhã, os playbas estão estudando, evoluindo, fazendo cursinho de tudo que é coisa (FERRÉZ *apud* PATROCÍNIO, 2011, p. 59).

Ferréz, escritor colunista da revista Caros Amigos, iniciou um projeto intitulado de Literatura Marginal dentro da revista no qual convidou amigos, escritores iniciantes com grandes talentos, que pelas publicações dos anos de 2001, 2002 e 2004, foram descobertos e tiveram um impulso para continuarem divulgando seus trabalhos, convidou também ex-presidiários, pessoas ligadas aos movimentos do Hip Hop. Toda essa nova amplitude de mercado literário o trouxe grande prestígio e desencadeou uma série de convites para aparecimentos na TV, entrevistas, documentários, etc... Foi também até reconhecido nacionalmente em grande escala agora, e internacionalmente com obras publicadas em Portugal e na Espanha.

A divulgação de seu livro, de seus artigos e seu envolvimento com diferentes projetos sociais, permitiram a Ferréz uma projeção nacional da periferia do Capão Redondo nunca antes presenciada, a não ser pelas páginas policiais e pelos noticiários televisivos, em via de regra, relacionados à violência urbana. Ao se assumir como parte desse universo periférico, sua fala se diferencia da fala dos estudiosos que buscam, há anos, compreender a favela e seus moradores, pois seu entendimento é de dentro para fora, deixando de lado a perspectiva do observador e favorecendo a perspectiva empírica dos fatos reais, e não uma visão de fora daquilo que ocorre dentro. A permanência na comunidade alimenta a imaginação criativa do autor, o que se revela na construção de seus personagens, aumentando seu vínculo afetivo com o povo (...). (SANTOS, s.d, p. 06).

Por toda sua história de vida e seus feitos pela sociedade periférica, Ferréz pode ser considerado um representante fiel e concreto das periferias nacionais, e mais, ele caracteriza as periferias com suas obras de cunho social e crítica à sociedade burguesa em geral, críticas também contra o sistema e críticas a fatos ocorridos dentro da sua sociedade. Ferréz com toda sua saudação à classe menos favorecida mostra uma face rica em cultura e sabedoria e tenta por sua vez apagar os estereótipos de que nas favelas só existam pessoas violentas e sem educação.

Ferréz serve de grande ajuda para ser abordado pelos docentes em salas de aula, pois, ajudará a uma maior compreensão dos alunos quando envolve-se a questão de ler um texto e buscar elementos do seu contexto social para melhor interpretá-lo.

Outro autor que caracteriza as comunidades periféricas é Allan Santos da Rosa. Santos da Rosa tende em trazer à tona não somente críticas, mas, literaturas comuns para todas as pessoas de todas as classes sociais, ele é mais preocupado com a construção literária do que com alguma crítica social propriamente dita.

É interessante notar que em Allan Santos da Rosa tal premissa não encontra um solo fértil, não iremos identificar na produção literária do autor uma rígida divisão maniqueísta e muito menos um tom pedagógico doutrinário que objetiva orientar o leitor. Santos da Rosa não busca disciplinar o leitor, muito menos formá-lo a partir de suas próprias convicções morais. As formas de agenciamento político adotadas pelo autor assumem novas feições e instauram um novo olhar sobre a margem. Com um manejo peculiar da linguagem e buscando uma aproximação com as manifestações culturais da periferia, Allan não produz uma literatura engajada em sua forma enunciativa, com apelos pedagógicos claros e definidos.

Na multifacetada produção literária do autor, que congrega poesia, prosa e dramaturgia, o elemento de união é um tratamento da linguagem dotado de um ritmo habilmente construído que se firma na busca por uma forma de expressão que traz em seu bojo o desejo de contato com uma fala dita popular. Esse exercício não se baseia na simples coleta de expressões que povoam as franjas urbanas dos grandes centros, mas, sim, no constante anseio de produzir uma forma de representação que seja capaz de alcançar tal expressão oral. (PATROCÍNIO, 2011, p. 61).

No que diz Patrocínio (2011), Allan tem como enfoque mostrar ao leitor de modo que o faça pensar como é o cotidiano de uma periferia, assim desta maneira ele introduz o leitor para dentro desse cotidiano e o leitor por si mesmo tem que perceber o que de fato ocorre dentro de um subúrbio. No mais, Santos da Rosa. Mas em contra partida a isso tudo, Allan criou a Editora Toró, no qual existem vários temas literários em obras publicadas pela editora, mas que em comum, todas são de autoria de moradores da própria periferia. Dessa maneira Allan consegue levar os livros a pessoas

que não sabem ler (metaforicamente) segundo ele mesmo denomina a função da editora, ele consegue dessa forma criar de forma acessível à população um produto literário mais barato que os caracterizem.

Ademiro Alves de Sousa, o sacolinha, nasceu em São Paulo no ano de 1983. Aos 12 anos de idade começou a entregar panfleto nos faróis das avenidas. A 14 anos de idade já era cobrador de lotação em Itaquera. Em 1998 mudou-se para a cidade de Suzano onde trabalhou por seis meses como empacotador de mercadorias no supermercado. Em 1999 volta a trabalhar como cobrador de lotação em Itaquera. No ano de 2001 finalmente conclui o ensino médio sem ser reprovado em nenhum ano (lembrado que nesses anos ainda não existia a aprovação automática).

O ano de 2002 foi um ano muito marcante na vida de sacolinha, pois foi neste ano que seu padrasto desaparece e ele se muda para a cidade de Suzano com sua mãe e seus dois irmãos onde passam a morar em uma casa semiconstruída e sem acabamentos e passa a ser o chefe da casa. É neste período ainda, de sofrimento, que sacolinha pega gosto pela leitura.

Ainda no ano de 2002 sacolinha inicia sua atuação em movimentos sociais e passa a coordenar um programa de Rap na rádio comunitária Comunidade FM. Ainda neste ano começa a escrever e cria o Projeto Cultural Literatura no Brasil. No ano de 2003 deixa a lotação e passa a trabalhar numa revistaria no Metrô Itaquera. É premiado no 2º concurso “ARTEZ”, com o conto urbano “um dia comum”.

No ano de 2004 começa a escrever seu primeiro livro, o romance “Graduado em Marginalidade”. Participa da revista Caros amigos, “especial” ato III. Participa da coletânea “ARTEZ” volume V – Meireles editorial. Termina a produção de seu livro. Assume a presidência do Centro de pesquisas e desenvolvimento sócio cultural Negro Sim. Escreve o conto “Pacífico Homem Bomba” que foi adaptado para o teatro.

No ano de 2005 sacolinha assume na prefeitura de Suzano – SP, a Coordenadoria Literária da Secretaria de Cultura. Por sua grande influência e pelo grande papel que vem desenvolvendo pela literatura, sacolinha começa a ser estudado em importantes universidades, como: USP (Universidade de São Paulo), UMC (Universidade de Mogi das Cruzes), Anhembí Morumbi, Universidade Metodista e Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Ainda no ano de 2005 produz o vídeo-documentário do Projeto Cultural Literatura no Brasil. Lança em parceria com a prefeitura de Suzano a revista “Trajetória Literária”, que reúne 20 escritores inéditos e é resultado do 1º concurso literário de Suzano. Participa do livro Cadernos Negros volume 28 – Contos Afro-Brasileiros. Recebe o “1º premio Cooperifa”. Funda oficialmente a Associação Cultural Literatura no Brasil, antes com o nome “Projeto Cultural Literatura no Brasil”.

No ano de 2006 sacolinha ingressa no curso de Letras da Universidade de Mogi das Cruzes, mesmo ano em que finaliza a produção de seu segundo livro, “85 Letras e um Disparo”. No ano de 2007 cria dentro da Associação Cultural Literatura no Brasil, o projeto “Sarau nas escolas” que percorre diversas escolas ao longo do ano. No ano de 2008 Ademiro conclui o Curso de Letras.

Nos últimos anos tem ministrado palestras em lugares vulneráveis como: cadeias, penitenciárias federais, favelas, morros e associações dos moradores. Prestou serviços também para a UNESCO e para o ministério da justiça no projeto “Uma janela para o mundo – Leitura nas Prisões” nas penitenciárias de segurança máxima.

Sacolinha desenvolve também uma palestra por semana em escolas públicas do estado de São Paulo. Em 2013, a editora carioca Aeroplano lançou o livro “como a água do rio”, biografia e trajetória do escritor.

Sérgio Vaz, outro grande nome da Literatura Marginal brasileira, atualmente vive na cidade de Taboão da Serra (Grande São Paulo). O poeta é um dos criadores do sarau da Cooperifa, evento que transformou um bar na periferia de São Paulo em centro cultural e que toda a quarta-feira reúne pessoas para ouvir e declamar poesias. O poeta é também criador do projeto Poesia Contra a Violência, que percorre as escolas da periferia incentivando a leitura e a criação poética (SACOLINHA, 2011).

Sérgio pode ser considerado uma das maiores “vozes” da periferia, com suas poesias de críticas sociais denunciando a realidade dos moradores marginais.

O canto triste de Sérgio Vaz é denúncia de uma periferia que luta contra o genocídio da população negra e jovem, que pede espaços culturais em vez de delegacias e unidades da Fundação Casa, que grita por dignidade, que insiste em formar leitores e que constrói “a Primavera de Praga da periferia”, como o poeta define os últimos dez anos de agitação cultural nas “quebradas”. (CARVALHO, 2014, s.p.).

No ano de 2009, Sérgio Vaz, o poeta “vira-lata”, como se autodenomina, foi eleito pela revista época como uma das 100 pessoas mais influentes do Brasil. O poeta é autor de grandes obras, uma delas chamada “Os miseráveis”, trás uma grande crítica a desigualdade social, como pode ser visto a seguir:

Os Miseráveis.

*Vítor nasceu... no Jardim das Margaridas.
Erva daninha, nunca teve primavera.
Cresceu sem pai, sem mãe, sem norte, sem seta.
Pés no chão, nunca teve bicicleta.
Já Hugo, não nasceu, estreou.
Pele branquinha, nunca teve inverno.
Tinha pai, tinha mãe, caderno e fada madrinha.
Vítor virou ladrão, Hugo salafrário.
Um roubava pro pão, o outro, pra reforçar o salário.
Um usava capuz, o outro, gravata.
Um roubava na luz, o outro, em noite de serenata.
Um vivia de cativo, o outro, de negócio.
Um não tinha amigo: parceiro.
O outro, tinha sócio.
Retrato falado, Vítor tinha a cara na notícia,
enquanto Hugo fazia pose pra revista.
O da pólvora apodrece penitente, o da caneta
enriquece impunemente.
A um, só resta virar crente, o outro, é candidato a presidente.⁴*

Sérgio Vaz

3. METODOLOGIA

Com fontes bibliográficas conceituadas será utilizada aqui a metodologia de pesquisa teórica para a elaboração e conclusão do trabalho, tendo em vista que foi umas das opções ao nosso alcance e que existem materiais suficientes e bem conceituados para a explanação ser de qualidade relevante.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

LITERATURA MARGINAL EM SALA DE AULA

O trabalho com Literatura Marginal em sala de aula não é uma prática muito comum atualmente. É importante que seja utilizado esse gênero textual nas escolas, pois além de colocar os alunos em contato com variados gêneros textuais, proporciona também a aquele aluno mais pobre, oriundo da periferia ou de classe social mais baixa onde não possa ter acesso a uma cultura mais culta, acesso a uma linguagem mais coloquial fazendo assim com que ele associe a escola e o conteúdo nela exposto com sua vida, e assim possa a se interessar mais pela literatura. Pois, segundo Bourdieu, “é o nível cultural global do grupo familiar que mantém a relação mais estreita com o êxito escolar da criança”, ou seja, a escola requer de seus alunos certa cultura que muitos deles não possuem e com isso ele acaba sendo a justificativa para o insucesso escolar.

Atualmente, nossos professores inculcem hábitos, valores e costumes nas salas de aula que foge da rotina dos alunos periféricos, fazendo assim com que esses alunos se desinteressem da escola. É importante trabalhar também uma literatura que insira esses alunos mais carentes culturalmente para que ascenda assim seu interesse à literatura.

Obviamente que existem poemas marginais que não podem ser tratados em sala por possuírem palavrões. Veja a seguir um exemplo de poema marginal que pode ser tratado em sala de aula, no qual pode ser notada uma linguagem mais coloquial, mas com um valor didático importante.

A VIDA É LOKA

⁴ Manteve-se o formato do poema para concentrar a ênfase nele.

Esses dias tinha um moleque na quebrada com uma arma de quase 400 páginas na mão.
Umhas minas cheirando prosa, uns acendendo poesia.
Um cara sem nike no pé indo para o trampo com o zóio vermelho de tanto ler no ônibus.
Uns tiozinho e umas tiazinha no sarau enchendo a cara de poemas. Depois saíram vomitando versos na calçada.
O tráfico de informação não para, uns estão saindo algemado aos diplomas depois de experimentarem umas pílulas de sabedoria. As famílias, coniventes, estão em êxtase.
Esses vidas mansas estão esvaziando as cadeias.
A Vida não é mesmo loka?⁵

Sergio Vaz

É de suma importância trabalhar essa literatura, pois assim inclui-se essa literatura na sociedade, e essa ideia de que só o que provém da burguesia tem valor acaba, e integra assim os moradores periféricos à literatura. Veja as palavras de Ferrez, (poeta marginal).

Outra coisa também é certa: mentirão no futuro, esconderão e queimarão tudo o que prove que um dia a periferia fez arte. Jogando contra a massificação que domina e aliena cada vez mais os assim chamados por eles de “excluídos sociais” e para nos certificar de que o povo da periferia/favela/gueto tenha sua colocação na história e não fique mais quinhentos anos jogado no limbo cultural de um país que tem nojo de sua própria cultura, o Caros Amigos/Literatura Marginal vem para representar a cultura autêntica de um povo composto de minorias, mas em seu todo uma maioria. (FERRÉZ *apud* OLIVEIRA; ESPINDULA; SANTANA, s.d, s.p.).

Estudando um pouco a história, descobre-se que a periferia vem dos escravos, negros e índios que já tinham sua própria cultura, que foi se enfraquecendo com o tempo, pois o país foi aderindo à cultura dos colonizadores, ou seja, a cultura europeia. A Literatura Marginal atualmente é uma das mais (ou a maior) fortes vozes da periferia, periferia que ao produzir essa arte está tentando conquistar novamente seu espaço, já perdido, na sociedade.

Trabalhar Literatura Marginal em sala de aula, além de acrescentar o conhecimento nos alunos, é também uma forma de dar voz à periferia.

É importante ressaltar que ao trabalhar Literatura Marginal na escola, o professor deve portar-se de maneira singular para com todos os alunos, jamais trabalhar esse conteúdo com os alunos mais pobres somente com a intenção de eles se reconhecerem, e nem trabalhar com os abastados somente com a intenção de mostrar-lhes a realidade periférica. É importante também, jamais corrigir a ortografia dos textos marginais, pois isso acaba fazendo o aluno pensar que os poetas não sabem escrever e encobre o estilo próprio de cada um. É importante trabalhar esse conteúdo somente com a intenção de acrescentar esse conhecimento literário aos alunos.

Trabalhar esse movimento literário em sala de aula, segundo Beatriz Vichessi e Cinthia Rodrigues, pode despertar o interesse dos alunos por leitura mais facilmente, pois esse estilo literário é mais coloquial e possui temáticas geralmente cotidianas. Veja nas palavras das próprias:

Ao promover o estudo de produções marginais, o professor tende a despertar o interesse dos alunos pelo hábito da leitura e amplia o repertório deles de várias maneiras. A razão é o contato com os variados gêneros textuais marcados por temáticas geralmente cotidianas e com linguagem coloquial. Somam-se a isso termos e construções textuais diversificados e às vezes mais palatáveis e autores que não estão no panteão culto, aproximando a relação entre quem escreve e quem lê. (VICHESSI e RODRIGUES, 2010, p. 01).

Logicamente, os professores devem trabalhar esse tema sem esquecer-se da importância e relevância que os autores clássicos têm com a literatura, como Machado de Assis, José de Alencar, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, etc. Mas, deve-se entender que a Literatura Marginal é tão importante quanto às outras:

É preciso ajudar os estudantes a comparar produções de naturezas diversas. Não com o intuito de mostrar como uma é inferior à outra, mas para que entendam como e por que diferentes grupos interpretam e registram questões muito semelhantes. E, é claro, para se despir de todos os preconceitos. (VICHESSI e RODRIGUES, 2010, p. 01).

Toda literatura marginal tem por eixo central um enfoque com o qual o aluno oriundo de uma classe social de baixo poder aquisitivo possa identificar-se, com esse resultado de identificação, e passar-se a interessar-se por literatura, assim, pode buscar se culturalizar com algo que represente sua situação cotidiana, já que tendo em vista que as culturas

⁵ Manteve-se sua estilística para conservar seu valor poético.

são apenas diferentes umas das outras, e, não melhores ou piores em comparações de complexidade, costumes burgueses, ou religiosos.

Atualmente podemos definir cultura por uma visão antropológica que relaciona seu significado a todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transição genética, ou seja, cultura é tudo aquilo que adquirimos do meio em que vivemos como: hábitos, costumes, linguagens, vestimentas, religião, valores etc. Cada grupo social possui sua cultura, não há cultura superior ou inferior, ricas ou pobres, mais ou menos complexas e sim várias culturas que podem e vivem em uma mesma sociedade. Quando isso acontece dizemos que é ocorre um pluralismo cultural e esta característica pode encontrar na sociedade brasileira com muita facilidade. (OLIVEIRA; ESPINDULA; SANTANA, s.d, s.p.).

Tem-se uma influência muito grande de autores clássicos em nossos aprendizados no decorrer dos anos que passamos na escola, com esse sentido, todos que em seu dia a dia vivenciam a leitura rebuscada desses autores têm uma facilidade maior, em comparação com alunos que não têm essa vivência no cotidiano, de interpretá-los, o que resulta para os alunos das periferias numa não busca e num não interesse em dedicar-se no estudo dessas literaturas clássicas ao qual não se identificam. Por isso a literatura marginal aparece como meio de suprir essa carência que existe por parte de alunos oriundos das periferias, no qual, com esses textos periféricos assumem uma identificação e aproximação em relacionar seu cotidiano com o que lê.

A Literatura Marginal torna-se importante para a inclusão de alunos que são marginalizados em relação a outros dentro das salas de aulas, considerados por muitas vezes pelo próprio professor, além dos colegas de sala, como uma pessoa sem cultura. Isso ocorre porque o conceito de cultura que erroneamente aparece nos ideais dos alunos é que: quanto maior essa “cultura” for relacionada a um grande poder aquisitivo mais positivamente esse aluno é catalogado como “culto”, sendo que assim surge a desigualdade social dentro de um veículo de mediação que serve para acabar com esses pré-conceitos o quanto antes na vida das pessoas de qualquer sociedade. Com esse ponto de vista, observa-se que quanto menor o poder aquisitivo do aluno, mais sem cultura ele será catalogado. Por isso, a Literatura Marginal se faz riquíssima, pois com ela todos os alunos são integrados dentro de um sistema sem hierarquias literárias, já que assim todos participam e se identificam em algum texto, ou em algum período de estudos.

Isso ocorre por causa de uma questão aparentemente simples, a escola não respeita as diversidades culturais que nossas crianças trazem e com isso sempre repetimos os mesmos “erros”. Marginalizamos a cultura de nossos alunos, logo, produzimos o fracasso, ou seja, o fracasso não se dá pela falta de capital cultural, já que não lhes faltam cultura, e sim pelo desrespeito à diversidade cultural. Uma atitude que podemos tomar para mudar esse quadro é fazer a escola falar a língua dos alunos, utilizando os textos da “Literatura Marginal”, que, por sinal, são riquíssimos. Com eles podemos trabalhar vários conceitos e, mais importante ainda, os alunos irão se identificar com a escrita e com as histórias e poderão se ver nelas, já que vivenciam tudo aquilo que os textos trazem. A escola como instituição social tem o dever de reparar todos os danos que a nossa sociedade fez e ainda faz com os menos favorecidos economicamente, discriminando-os e rejeitando-os. (OLIVEIRA; ESPINDULA; SANTANA, s.d, s.p.).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atuais situações da Literatura Marginal na sociedade e no cotidiano dos alunos dentro da sala de aula ainda são vistos como não utilizáveis, pois a maioria dos professores ainda segue a receita de passar ao aluno o incentivo de ler somente clássicos literários dos séculos passados. A Literatura Marginal já teve grande ascensão e ainda continua a ter. Tendo em vista que alunos de periferias muitas vezes não possuem um letramento desenvolvido num nível em que consigam entender e compreender como todos os livros literários clássicos, os livros de literatura periférica encaixar-se-ia muito bem para preencher essa lacuna na qual os alunos possam se identificar com as histórias, com os personagens e com a linguagem. A linguagem dos livros impostos por professores nas escolas públicas sempre terão sua linguagem complexa e rebusca pelo simples motivo de terem sido escritos em um período com esse nível difícil na linguagem. Alunos que conseguem se identificar com as histórias que leem nos livros da periferia tomam gosto maior pela literatura em si. Podem com certeza ir atrás de outros livros e de outras vertentes de escolas literárias de diferentes épocas. Ferréz sem sobra de dúvida com suas histórias consegue envolver qualquer aluno, que reside em periferia, com suas histórias e conto tornando-se assim um dos principais autores com que se pode trabalhar dentro da sala de aula. Allan da Rosa torna-se indispensável, junto com Ferréz, na hora de ser utilizado como ferramenta de ensino-aprendizagem na sala de aula, tão qual Sérgio Vaz e Ademiro. Seus textos marginais, no sentido de estar à margem, podem ser absorvidos com muita facilidade pelos alunos, pela sua metalinguagem, assuntos recorrentes no dia a dia e com histórias que os alunos poderão melhor se identificar. A literatura marginal hoje em dia é pouco trabalhada nas salas de aulas das escolas das periferias do país, mas que se inserida neste meio pode trazer muitos benefícios a quem as adquire e absorve, pois além de ser da nossa cultura brasileira tem muito cunho social dentre as entre linhas dos textos e pode acrescentar bastante na vida dos alunos.

REFERENCIAS

BENEVENUTO, S. J. “LITERATURA MARGINAL”: A escrita como arma e instrumento de inserção cultural. **Texto integrante dos Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 2006.**

Disponível em: <<http://revistaraiz.uol.com.br/politicas/cooperifa.html>> Acesso em: 02 jul.2015.

Disponível em: <<http://curriculosacolagradoado.blogspot.com.br/2011/01/biografia.html>> Acesso em: 05 jul.2015.

Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/literatura-periferica-sala-aula-602345.shtml?page=1>> Acesso em: 12 jul. 2015.

Entrevista de Sérgio Vaz para Igor Carvalho sobre Literatura Marginal no site **Revista Fórum**. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/blog/2014/05/sergio-vaz-o-poeta-sonhador-da-quebrada-completa-25-anos-de-carreira/>> Acesso em: 10 jul. 2015.

NASCIMENTO, É. P. do. “Literatura marginal”: os escritores da periferia entram em cena. **Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.** 2006.

OLIVEIRA, N. M. S. A. de; ESPINDULA, L. da S; SANTANA, T. de A. Por que ensinar “Literatura Marginal” em nossas salas de aula? **UERJ**, s.d.

OLIVEIRA, R. P. de. Literatura marginal: questionamentos à teoria literária. *Ipotesi, Juiz de Fora*, v.15, n.2 - Especial, p. 31-39, jul./dez. 2011.

PATROCÍNIO, P. R. T do; Allan Santos da Rosa, um outro olhar sobre a periferia. *Ipotesi, Juiz de Fora*, v.15, n.2 - Especial, p. 57-69, jul./dez. 2011.

SANTOS, M. A. C. dos. FERRÉZ: O RAPPER DA LITERATURA. **Universidade Nove de Julho – UNINOVE – Mestre em Educação.** S.d.

SILVA, E. da; HANASHIRO, W. Resenha do livro Capão Pecado. **FERRÉZ. Capão Pecado.** São Paulo: Labortexto Editorial, 2000.

VERAZZANI, G. D. Entrando e Saindo da Indústria Cultural: *Capão Pecado* e a Desmistificação do Mito Familiar da Ideologia. **Darandina Revisteletrônica– Programa de Pós-Graduação em Letras/ UFJF – volume 5 – número 2.** s.d.